

Nuno Sampaio 14:00

Sarkozy, o pós-68

Nicolas Sarkozy criticou o "relativismo intelectual", que, segundo o próprio, ainda hoje é representado pela esquerda francesa.

Nuno Sampaio

No mês em que se celebram 39 anos do Maio de 68, a França acaba de eleger um Presidente que promete "romper com as ideias, os hábitos e os comportamentos do passado". Durante a campanha, Nicolas Sarkozy criticou o "relativismo intelectual", que, segundo o próprio, ainda hoje é representado pela esquerda francesa. Num dos seus derradeiros discursos, acusou os herdeiros de Maio de 68 de baixarem o nível moral da política e de colocarem a França numa situação em que não existe hierarquia de valores.

Recuando quatro décadas, a França e a Europa assistiram a revoltas que foram essencialmente estudantis, mas que acabariam por se estender ao mundo laboral. Para além das circunstâncias e motivações próprias de uma geração de 'baby boomers' nascida após a II Guerra Mundial que acedia às universidades europeias como nunca antes no passado, associou-se a estas manifestações um certo pensamento intelectual que assentava no "estruturalismo", personificado por Michel Foucault, e por uma atracção pelo marxismo, que Jean Paul-Sartre abertamente corporizava. Como nota, Tony Judt, no seu livro "Pós-Guerra- História da Europa desde 1945" (Edições 70, 2006): "As afinidades intelectuais e obsessões políticas dos anos 60 na Europa só fazem sentido à luz deste continuado fascínio por Marx e pelo marxismo." (p.462).

O impacto psicológico das ideias desta geração de intelectuais repercutiu-se muito para além do final dos anos sessenta e muito para além da sua representatividade na época, inclusive entre os estudantes. Como refere, na obra já citada, Tony Judt, para muitos estudantes, mais do que um tempo de combate político, os anos sessenta foram uma enorme festa, dando o exemplo caricatural de um jornal estudantil milanês que chegou a fazer o seguinte título: "Juventude Proletária da Europa, Jimi Hendrix une-nos!". Mas, passada que foi a fase das reivindicações de liberdade social e sexual, entre as classes política e intelectual a influência destas ideias persistiu até aos nossos dias.

Na sua declaração de vitória, Sarkozy voltou a proclamar que pretende "reabilitar o trabalho, a autoridade e o mérito". Em 1968, uma certa prosperidade social e a reclamação de melhores condições nas universidades empurraram os jovens para a contestação do 'status quo'. Em 2007, é o desemprego o que mais amedronta a juventude francesa. Será esta a mola capaz de impulsionar uma nova e necessária mudança cultural?

Nuno Sampaio, Gestor e investigador de Ciência Política

Imprimir artigo